

Inea dá início a projeto paisagístico às margens do Bengalas

(Foto: Reprodução/Jornal A Voz da Serra)



Mais de 300 mudas de mais de 40 espécies da Mata Atlântica vão ser plantada

As margens do Rio Bengalas, na altura da Curva do JJ, no distrito de Conselheiro Paulino, ficarão mais floridas nos próximos anos. Nesta segunda-feira, 8, o Instituto Estadual do Ambiente (Inea) deu início ao projeto de paisagismo da região com o plantio de mais de 300 mudas de árvores nativas da Mata Atlântica. Ao todo, mais de 40 espécies vão compor o novo cenário das margens do rio no trecho canalizado.

A área teria sido escolhida exatamente por ter a maior extensão entre a calçada e o leito do Bengalas. Os trabalhos de plantio começaram por volta das 10h, com a supervisão do diretor de Biodiversidade, áreas protegidas e ecossistemas do Inea, Paulo Schiavo, e do superintendente regional do órgão, Rogério Cabral. Dentre as espécies plantadas no local estão ipês, quaresmeiras, jequitibás e jatobás.

Reprodução: <https://avozdaserra.com.br/noticias/inea-da-inicio-projeto-paisagistico-margens-do-bengalas>

Corte de gastos do governo federal fecha Ibama em Nova Friburgo

(Foto: Reprodução/Jornal A Voz da Serra)



A sede do Ibama, no Centro

Já estão encaixotados os documentos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama, em Nova Friburgo. Todos os cerca de 220 processos em andamento na unidade, assim como móveis e veículos, serão levados para a superintendência do órgão no Rio de Janeiro. O escritório friburguense fechou as portas no último dia de dezembro.

“Estamos fechando o levantamento do patrimônio, da massa documental e aguardando uma definição da superintendência sobre quando os bens do escritório serão levados para o Rio. Isso aconteceria esta semana”, disse o analista ambiental

Henrique Fellows Fontes, que há quase 25 anos trabalha na base avançada do Ibama na cidade. “Só estamos fazendo serviços internos. O atendimento ao público já se encerrou”, informou ele.

Dos oito funcionários do Ibama em Nova Friburgo, cinco deram entrada na aposentadoria, entre eles Henrique. Eles até já poderiam estar aposentados, mas preferiram adiar o benefício e continuar trabalhando na unidade local do órgão. Outros dois solicitaram transferência para o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e um vai atuar na sede do próprio Ibama em Brasília. Ou seja, o Ibama Rio perde mão de obra qualificada e experiente.

“Para nós, o encerramento do escritório de Friburgo é motivo de tristeza. Todos temos vínculos com a cidade e a região há mais de 20 anos. Mas quem perde mesmo é a população das 45 cidades onde atuávamos diretamente, isso porque nos últimos dois anos assumimos também a fiscalização em outras cidades após fechamento das bases de Campos e de Cabo Frio”, disse o analista ambiental.

No ano passado, os fiscais do Ibama registraram cerca de 80 autos de infração na região, a maioria dos casos foram desmatamento em áreas de proteção ambiental. Com o fechamento de mais uma base avançada, desta vez, em Nova Friburgo, todas as denúncias do interior do estado que chegarem ao órgão terão que ser verificadas pela superintendência na capital. Para o ambientalista Fernando Cavalcante, medida é um retrocesso.

“A Secretaria de Meio Ambiente, no âmbito municipal, e o Instituto Estadual do Ambiente (Inea), no âmbito estadual, têm poder fiscalizador, mas nem sempre atuam quando acionados pela população. A atuação do Ibama, como órgão suplementar, inibe negociatas e acordos suspeitos que às vezes são feitos para se evitar a punição de quem comete uma irregularidade ambiental. O Ibama dá mais transparência à fiscalização, portanto, o fechamento do órgão na cidade é um absurdo”, disse o engenheiro ambiental e geógrafo.

As atividades foram encerradas em Nova Friburgo, segundo o Ibama, por “restrições orçamentárias e financeiras”. No ano passado, 43% do orçamento do Ministério do Meio Ambiente, ao qual o Ibama é vinculado, foi cortado pelo governo federal. O plano de reestruturação da instituição, porém, começou em agosto de 2015, quando a presidência do Ibama, em Brasília, determinou que cada superintendência elaborasse uma proposta que justificasse a manutenção das estruturas descentralizadas.

Dois meses depois, no entanto, o Ibama, no Rio de Janeiro, encaminhou para a sede, de maneira sigilosa, o seu plano sem consultar as unidades envolvidas no estado, indicando no documento a desativação da base avançada de Nova Friburgo, Campos, Cabo Frio e Angra dos Reis. Com a ameaça explícita de fechamento, funcionários do órgão em Friburgo moveram uma ação civil pública no Ministério Público Federal (MPF).

Em abril de 2016, o Ibama determinou a extinção de diversas unidades, menos a unidade de Nova Friburgo. A decisão levou em consideração uma nota técnica que sugeriu a manutenção das bases avançadas que possuíam número de servidores igual ou superior a cinco, como é o caso da unidade de Friburgo, mas, para tais unidades, sugeriu a desativação para 31 de dezembro de 2017.

Em setembro do ano passado, o procurador da República em Nova Friburgo, Felipe Bogado, pediu à Justiça que fosse determinada a manutenção do escritório do Ibama na cidade. “Não há dúvidas quanto ao enorme retrocesso ambiental que o fechamento da unidade ensejará”, disse na ação. Bogado também entrou com uma liminar para proibir o fechamento imediato da unidade em dezembro até o julgamento da ação, mas o recurso foi suspenso. Aguarda-se, agora, a decisão da Justiça sobre o processo do MPF, que já se encontra concluso e pode reverter o fechamento do Ibama em Nova Friburgo.

Reprodução: <https://avozdaserra.com.br/noticias/corte-de-pastos-do-governo-federal-fecha-ibama-em-nova-triburgo>

Embrapa ajuda agricultores da região serrana do Rio de Janeiro a evitar tragédias como a de 2011

(Foto: Reprodução/ÉPOCA)



Renato de Assis e Adriana Aquino, pesquisadores da Embrapa Agrobiologia, e Margarete Satsumi, agricultora

Agricultores da região serrana do estado do Rio de Janeiro estão fazendo uma transição para técnicas mais sustentáveis. A transformação é um dos efeitos colaterais de uma das maiores tragédias ambientais da história do Brasil. Ao voltar das férias, em janeiro de 2011, a pesquisadora da Embrapa Agrobiologia, Adriana Maria Aquino, encontrou um cenário de devastação. Chuvas de intensidade jamais vista se abateram sobre os municípios de Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo, destruindo bairros inteiros e matando cerca de 1.000 pessoas. A casa de Adriana, em Nova Friburgo, não foi atingida, mas a dimensão da catástrofe a envolveu.

Adriana visitou dezenas de propriedades rurais arruinadas e, durante esse trabalho, ouviu um pedido da agricultora Margarete Satsumi Tiba Ferreira. “Ela pediu um projeto de recuperação para as terras dela. Eu fiquei com aquele olhar na memória, o pedido e o suplício”, lembra. Foi ali que Adriana entendeu que não havia no Brasil técnicas e políticas públicas para plantio em encosta, como em outros países com regiões montanhosas.

Adriana e o marido, Renato Linhares de Assis, já faziam parte de um grupo de pesquisa da Embrapa que estava desenvolvendo métodos que vão na contramão dos procedimentos tradicionais da lavoura, como limpar o terreno e adubar. Por Nova Friburgo ficar em uma região montanhosa, a atividade acaba desgastando o solo mais do que o faria em locais planos. Como a parte fértil está na superfície, a força da chuva lava os nutrientes da terra. A Embrapa propõem técnicas para plantar sem revolver o solo com a enxada, a utilização de adubo verde e deixar folhas mortas e palha seca sobre o solo, para evitar a incidência direta da chuva e do sol. Além de aumentar a produção, o método auxilia na infiltração da água, evitando a erosão e deslizamentos como os de 2011. “A grande questão é que esta forma de produção precisa de mais mão de obra do produtor. Isso dificultava o convencimento deles”, disse.

O pesquisador Renato Linhares explicou que, depois da tragédia, o solo até tinha os nutrientes necessários, mas era preciso resgatar as condições físicas e biológicas. Com o aspecto da terra parecido com a areia, os adubos convencionais não conseguiriam tal recuperação. E, para isso, a Embrapa Agrobiologia começou a difundir a utilização de adubos verdes entre produtores. São plantas, como leguminosas, por exemplo, que estimulam a fixação de nitrogênio do ar e a proliferação de micro-organismos. Esses nutrientes são fundamentais para o crescimento da lavoura e aumentam a absorção da água pelas raízes. “O plantio do adubo verde pode ser feito tanto no pré-cultivo, com sistema de alternância de culturas, quanto no cultivo conjunto”, disse.

Com a enchente e assoreamento dos rios, o sítio de Margarete ficou alagado por mais de dois meses. O acesso a Nova Friburgo foi bloqueado por um deslizamento por mais de uma semana e, pelo mesmo período, ficou sem água potável, recolhendo água da chuva para beber, cozinhar e tomar banho. Ela perdeu toda a plantação de hortaliças japonesas que fornecia para restaurantes e mercados da capital. No ano da tragédia, Margarete conta que enviou os três filhos para a casa de parentes e buscou trabalhos temporários para complementar a renda familiar. “Fui até guia de turismo para um grupo de japoneses no Carnaval. E foi em uma dessas oportunidades de trabalho, conheci Margarete e retomei o contato com a ciência”, relatou.

Margarete já era bióloga, mas não exercia a profissão. Até a chuva levar embora o trabalho dela e da família, era dona de casa e ajudava o marido na produção e comercialização dos produtos da fazenda. Para reconstruir a propriedade dela e do marido Lyndon Johnson Ferreira, ela procurou auxílio de todos os órgãos que estavam oferecendo ajuda. Na época, Adriana a incentivou a se inscrever no mestrado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ela participou da seleção e em 2012 começou o curso. Em parceria com a pesquisadora, a agricultora

implementou as técnicas da Embrapa, retomou o cultivo de hortaliças e diz ter tido aumento na produtividade. “Como o solo está rico em nutrientes, o aproveitamento das áreas de plantio onde as técnicas foram utilizadas alcançou quase a totalidade”, contou.

No sítio, Margarete também passou a plantar o vetiver, um tipo de capim asiático que chega a ter 8 metros de raiz. Por ter longas bases na terra, além de auxiliar na infiltração da água no solo de maneira apropriada, a planta ajuda a evitar erosões. Essa é uma técnica difundida não só pela Embrapa Agrobiologia, mas também pelas Nações Unidas. De acordo com a pesquisadora Adriana, as áreas montanhosas são mais vulneráveis às práticas agrícolas não adequadas e ao desflorestamento. Com a vinda das chuvas, esses processos podem causar inundações, deslizamentos de terra e a perda da fertilidade do solo. “Percebemos que os agricultores ficaram mais sensíveis à implantação de novas técnicas, que garantem não só a segurança, mas a sustentabilidade da produção agrícola, principalmente após a tragédia de 2011”, disse.

Observando os bons resultados na propriedade, Margarete tornou-se entusiasta da difusão das técnicas de recuperação do solo e de produção sustentável. Ela assumiu a presidência da Associação de Pequenos Produtores da Fazenda Rio Grande, de Nova Friburgo, há mais de dois anos. Hoje, o sistema de plantio desenvolvido pela Embrapa já é usado por mais de 50 produtores da região. Muitos outros estão passando por uma transição entre as técnicas antigas para as mais eficientes e sustentáveis. Segundo ela, a aceitação do adubo verde, por exemplo, tem sido tão ampla, que em todos lugares que vendem produtos segmentados para lavoura passaram a oferecer as sementes das plantas. Para o futuro, com a difusão e trabalho intenso dos órgãos públicos e associações de produtores, a expectativa é que mais e mais agricultores incorporem a sustentabilidade na plantação. Sendo assim, tragédias como a de 2011 possam ser evitadas.

A conexão sustentável do campo à gastronomia é o tema do Festival Origem, que acontecerá de 1º a 3 de dezembro em São Paulo. O festival é organizado pelas marcas ÉPOCA, Globo Rural e Casa e Jardim. Durante o evento, alimentos com origens sustentáveis serão apresentados em palestras, oficinas de culinária, exposição de produtores e praça de alimentação. Confira mais informações no site oficial e na página do Facebook do evento.

Reprodução: <http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/festival-origem/noticia/2017/11/agricultura-prova-de-chuva.html>

Região Serrana registra a 1ª morte por febre amarela em 2018

(Foto: Reprodução/Jornal A Voz da Serra)



O caso da paciente que morava em Teresópolis foi confirmado por exames laboratoriais

A Secretaria estadual de Saúde anunciou nesta sexta-feira, 12, a primeira morte por febre amarela na Região Serrana este ano. O paciente era um homem de 47 anos, morador da localidade de Canoas, no município vizinho de Teresópolis e foi diagnosticado com a doença após exames laboratoriais realizados pela Fundação Oswaldo Cruz. O caso foi confirmado pela entidade na última quinta-feira, 11.

Além desta vítima, outra pessoa, morador de Valença, no sul do estado, também teve a contaminação da febre amarela confirmada na quinta-feira. Neste caso, entretanto, até o início da tarde de sexta-feira, 12, o paciente seguia internado em uma unidade de saúde do município.

Segundo a Secretaria estadual de Saúde, a cobertura vacinal, tanto em Teresópolis quanto em Valença, é superior a 80%. “A Secretaria já disponibilizou doses suficientes para vacinar 100% da população das duas cidades fluminenses e recomendou às prefeituras que intensifiquem a vacinação, especialmente nas áreas de mata”, informa a nota.

As medidas de prevenção à febre amarela começaram em 2017, quando diversas macacos foram atingidos por um surto da doença no país. A secretaria iniciou a criação de cinturões de bloqueio, recomendando a vacinação contra a febre amarela principalmente em municípios limítrofes aos estados Espírito Santo e Minas Gerais (áreas de risco para a doença). Desde julho do ano passado, todos os 92 municípios do estado do Rio já estão incluídos na área de recomendação da vacina e a campanha de vacinação permanece.

Ainda segundo o governo do estado, os casos registrados até agora são do tipo silvestre, transmitidos pelas espécies de mosquito *Haemagogus* e *Sabethes*, presentes em áreas de mata. Não há registro no país da forma urbana da doença, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, desde 1942. A Secretaria estadual de Saúde reforça a importância das pessoas que ainda não se vacinaram buscarem um posto de saúde próximo de suas residências para serem imunizadas. Para mais informações sobre a doença acesse www.febre.amarela.rj.com.br.

Também nesta sexta-feira, 12, a Secretaria estadual de Saúde divulgou nota recomendando às prefeituras de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, Tanguá, na Região Metropolitana do Rio, e Miguel Pereira, no Centro-Sul fluminense, ampliem a vigilância sanitária e intensifiquem a vacinação contra a febre amarela. Nessas três cidades, foram registrados casos de macacos mortos com resultado positivo para a febre amarela. Além dos três municípios, a vacinação também será reforçada em Queimados, Japeri e Xerém, que são áreas de fronteira com a Reserva do Tinguá.

Reprodução: <https://avozdaserria.com.br/noticias/regiao-serrana-registra-lacorte-por-febre-amarela-em-2018>

Resquícios da tragédia de 2011 ainda são visíveis em diversos bairros de Nova Friburgo

(Foto: Reprodução/A Voz da Serra)



Local onde antes ficava cheio de banhistas, hoje é considerado de risco

“Achei mais alguém aqui”, “Ali debaixo tem mais”, “Cuidado, não vai até aí, não”. Frases que se repetiam durante os dias que sucederam o fatídico 12 de janeiro de 2011. A cada momento uma nova tentativa de resgatar alguém com vida. A cada instante uma cena chocante. Há sete anos a Região Serrana do Estado do Rio viveu a maior tragédia climática da história e Nova Friburgo ficou sob a lama e destroços. Um cenário de lamentos, destruição e de calamidade. A fratura exposta e as cicatrizes das feridas que nunca fecharam ainda são vistas por toda a cidade. Não há quem não se lembre onde estava naquela madrugada que insiste em não sair da memória. Não há quem não tenha sido atingido. E, passados sete anos, ainda há muito a ser feito, há muito a ser reparado, há muito a ser (re)construído.

No bairro Córrego D’antas, centenas de casas foram interditadas e os moradores tiveram que deixar suas residências às pressas, por razões de segurança. Com a promessa de um novo lar em uma região segura, muitas famílias foram realocadas no Loteamento Terra Nova, em Conselheiro Paulino. De acordo com o governo federal, Nova Friburgo já recebeu mais de 1.700 unidades habitacionais.

Na Prainha, localidade de Conquista, em Campo do Coelho, 17 pessoas morreram após um deslizamento de encosta. Antes área de lazer, hoje o local encontra-se abandonado. “Aqui vivia lotado. Muita gente se banhava no rio, fazíamos festa e jogos no campo de futebol. A ponte está quebrada (foto acima), não há proteção e é um risco enorme para quem passa a pé ou de carro. A estrada que dá acesso às casas é de terra batida, cheia de buraco e quando chove é impossível passar por ela”, lamentam os moradores.

Diante de tantos problemas, os moradores da Prainha decidiram colocar a mão na massa. Devagar eles vão ajeitando o local que antes atraía turistas. “Fizemos uma limpeza geral, tiramos até madeiras do leito do rio. Se o poder público nos desse

uma ajuda a situação iria melhorar rapidamente”, diz um morador. Em Três Irmãos, loteamento do distrito de Conselheiro Paulino, mesmo não sendo atingido com um pesado golpe em 2011, um ano e meio depois, o local sofreu um deslizamento de pedras, que destruiu diversas casas.

Em nota, a prefeitura informou que a Secretaria de Obras está em contato permanente com o governo do estado devido a alguns projetos que foram apresentados pelo órgão para o município no sentido de realizar ações de grande proporção para contenções de encostas. Faz parte dos projetos contemplar bairros como Rui Sanglard, Lazareto, Vila Nova, Parque das Flores, entre outros. Contudo, por se tratar de obras muito caras, a municipalidade não possui recurso suficiente para custeá-las e depende da contrapartida do ente estadual, que, até o momento, não deu previsão de quando isso será feito.

Ainda segundo a prefeitura, “tem sido realizado um importante trabalho pela Defesa Civil para prevenção e atuação ante a desastres. Entre eles, a conclusão do projeto Gides (Fortalecimento da Estratégia Nacional de Gestão integrada em Desastres Naturais), dentro do convênio realizado entre Brasil e Japão. Também foram adquiridas duas sirenes móveis, doadas pelo Inea; criada a sala de monitoramento meteorológico; aquisição, por cessão, de uma estação robotizada para monitoramento de deslizamento de taludes; realização de aproximadamente mil vistorias em imóveis, participação nos simulados de ações em desastres naturais.

Reprodução: <https://avozdaserra.com.br/noticias/apos-sete-anos-feridas-ainda-abertas-e-mostra-0>

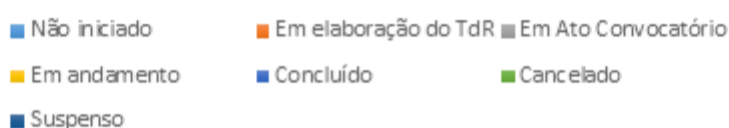
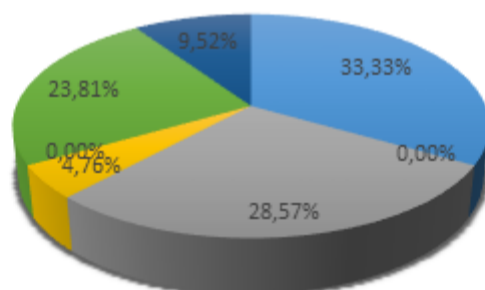
GRÁFICO DE STATUS DE PROJETOS DO COMITÊ

▲ MATÉRIAS E INFORMES

▼ PROJETOS DO COMITÊ

■ GRÁFICO DE STATUS

Status dos Projetos



RELAÇÃO DE PROJETOS DO COMITÊ

▲ MATÉRIAS E INFORMES

■ PROJETOS DO COMITÊ

▲ GRÁFICO DE STATUS

ITEM	PROJETO	MUNICÍPIO(S) ABRANGIDO(S)	STATUS
1	Plano de Comunicação Social	N/A	Suspense
2	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Duas Barras	Cancelado
3	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Macuco	Cancelado
4	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Nova Friburgo	Cancelado
5	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	São Fidélis	Cancelado

6	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	São Fidélis	Cancelado
7	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Macuco	Em Ato Convocatório
8	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Cordeiro	Em Ato Convocatório
9	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Nova Friburgo	Em Ato Convocatório
10	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Santa Maria Madalena	Em Ato Convocatório
11	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	São Fidélis	Não iniciado
12	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário de Cordeiro	Cordeiro	Não iniciado
13	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Trajano de Moraes	Não iniciado
14	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Bom Jardim	Não iniciado
15	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Duas Barras	Não iniciado
16	Elaboração de Estudo de Concepção, Projetos Básico e Executivo e Estudo Ambiental do Sistema de Esgotamento Sanitário	Nova Friburgo	Não iniciado
17	Reforma de Duas ETE's	Cordeiro	Não iniciado
18	Implantação de Reflorestamento de Área de Preservação Permanente - APP em Área Pública	Cordeiro	Suspensão
19	PROPESQUISA RH-VII: Realização de Pesquisa na Área de Gestão de Recursos Hídricos do Comitê Rio Dois Rios (Plano de Trabalho I)	Bacia da Região Hidrográfica do Rio Dois Rios	Em Ato Convocatório
19	PROPESQUISA RH-VII: Realização de Pesquisa na Área de Gestão de Recursos Hídricos do Comitê Rio Dois Rios (Plano de Trabalho II)	Bacia da Região Hidrográfica do Rio Dois Rios	Em Ato Convocatório
21	Diária / Reembolso / Ajuda de custo / Ações do Diretório	CBH	Em andamento



EQUIPE RESPONSÁVEL
Coordenação: Aline Alvarenga (Diretora de Relações Institucionais) **Supervisão:** Júlio César da Silva Ferreira (Gerente de Recursos Hídricos) **Projeto gráfico e editoração:** Marcelo Alves (Especialista Administrativo - Comunicação), Ana Carolina Duarte (Estagiária), Gabrielle de Castro (Estagiária) e Marcella Toledo (Estagiária) **Pauta e conteúdo:** UD3 – André Bohrer (Coordenador de Núcleo), Ramon Porto (Assistente), Nathália Borges (Estagiária) e Filhippe Pereira (Estagiário). Sede - Marcelo Alves (Especialista Administrativo - Comunicação), Tatiana Ferraz (Gerente de Recursos Hídricos), Gabriel Agostinho (Analista Administrativo) e Raissa Guedes (Especialista em Recursos Hídricos)